

PEPETELA, ESCRITOR INTEMPESTIVO

Noemi Alfieri

CHAM FCSH/Universidade Nova de Lisboa

n.alfieri@yahoo.it

Introdução

O objectivo do presente ensaio é o de levar a cabo uma análise da questão da contemporaneidade na obra do autor angolano Pepetela (Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos), a partir da base teórica de “Contemporâneo como intempestivo” elaborada pelo filósofo Giorgio Agamben.

Num contexto complexo como o de Angola em formação, numa realidade mergulhada nos problemas duma nação multiétnica e com um passado colonial marcado, a luta pela conquista duma identidade comum e da liberdade individual constituem umas das preocupações principais, unidas às complexas relações com o que permanece da cultura do colonizador.

Partindo da reapropriação das ligações com a natureza e com as raízes de um povo de facto multiétnico com particular dedicação ao romance *Mayombe*, analisando o papel da palavra e da literatura como arma de ruptura e sutura, de aceitação do “talvez”, será possível salientar a dualidade da concepção literária e social do autor.

A tal propósito será instituído, num dos parágrafos conclusivos do presente capítulo, um diálogo com *Os Lusíadas* de Camões e a *Viagem à Índia* de Gonçalo M. Tavares, com o fim de evidenciar o valor assunto pela síntese dos contrastes e das diferenças graças ao poder do confronto entre os seres humanos na obra de Pepetela.

1.1 – O Contemporâneo como intempestivo.

Ao elaborar a definição de “contemporâneo”, Giorgio Agamben evidencia a condição de não-coincidência com o tempo histórico, de diacronia acompanhada à consciência da impossibilidade de fugir do próprio tempo: consciência que implica conseqüentemente, na minha opinião, um empenho concreto do escritor para transformar activamente a sociedade em que se insere.

A questão da contemporaneidade invoca, para além disso, uma reflexão sobre os contrastes de pensamento e de orientações internas à uma determinada idade cronológica.

Roland Barthes (chamado directamente em causa pelo filósofo italiano no ensaio “O Que É O Contemporâneo?”¹) faz convergir os contrastes possíveis no conceito de intempestivo:

“A título de excursão fantasiosa, isto: certamente tomaremos o Viver-Junto como fato essencialmente espacial (viver num mesmo lugar). Mas, em estado bruto o Viver-Junto é também temporal e é necessário marcar aqui esta casa: ‘viver ao mesmo tempo em que...’, ‘viver no mesmo tempo em que...’ = contemporaneidade. Por exemplo, posso dizer, sem mentir, que Marx, Mallarmé, Nietzsche e Freud viveram vinte e sete anos juntos. Ainda mais, teria sido possível reuni-los em alguma cidade da Suíça em 1876, por exemplo, e eles teriam podido – último índice do Viver-Junto – ‘conversar’. Freud tinha então vinte anos, Nietzsche tinha trinta e dois, Mallarmé trinta e quatro e Marx cinqüenta e seis. (Poderíamos nos perguntar qual é, agora, o mais velho). Essa fantasia da concomitância visa a alertar sobre um fenómeno muito complexo, pouco estudado, parece-me: a contemporaneidade. Com quem é que eu vivo? O calendário não responde bem. É o que indica nosso pequeno jogo cronológico – a menos que eles se tornem contemporâneos agora? A estudar: os efeitos de sentidos cronológicos (cf. Ilusões de óptica). Desembocaríamos talvez neste paradoxo: uma relação insuspeita entre o contemporâneo e o intempestivo – como o encontro de Marx e Mallarmé, de Mallarmé e Freud sobre a mesa do tempo.”²

Tal raciocínio parece-me aplicável também à tentativa de síntese de elementos e realidades distintas presente na obra de Pepetela e, em particular, do primeiro romance

¹Giorgio Agamben, «O Que É O Contemporâneo», em *Nudez*, Lisboa, Relógio D'Água, 2010.

²Roland Barthes, *Como viver junto*, São Paulo, Martins Fontes, 2003, pp. 11-12.

do autor, *Mayombe*³. Uma parte significativa da obra do escritor angolano reflecte, de facto, sobre a história contemporânea de Angola e os problemas enfrentados pela sociedade angolana anterior e posteriormente à libertação, passando por críticas ao mesmo sistema em favor do qual o autor lutou militando no MPLA na altura da Guerra de Independência.

1.2 – Pepetela e o empenho para a formação de uma nova ideia de nação.

*Ou talvez Ngunga tivesse um poder misterioso e esteja
agora em todos nós os que recusamos viver no arame farpado,
nós os que recusamos o mundo dos patrões e dos criados,
nós os que queremos o mel para todos.*⁴

O autor angolano Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, de ascendência portuguesa, nasceu em Benguela em 29 de Outubro de 1941. Em 1958 partiu para Lisboa, ingressando no Instituto Superior Técnico, que frequentou até 1960. No ano seguinte, durante o qual se deram em Luanda as revoltas que iriam originar a Guerra Colonial, Pepetela transferiu-se para o curso de Letras. Em 1962 tornou-se militante do MPLA, acrónimo de Movimento Popular para a Libertação de Angola. Entre 1963 e 1969, permaneceu na Argélia, onde havia uma delegação do MPLA. O autor afirmou que “no princípio, o MPLA tinha medo de enviar brancos para a guerrilha porque não sabia qual seria a reacção da população e um branco era considerado unicamente como filho de colono”, deixando transparecer a tensão racial que se vivia. Esteve na guerrilha cinco anos.

Depois da Independência em 1975, integrou o primeiro Governo de Agostinho Neto. Foi acusado de estar envolvido na Comissão das Lágrimas depois da tentativa de golpe de estado do 27 de Maio de 1977, levada a cabo em Luanda pelos Fraccionistas liderados por Nito Alves. A acção foi interna ao partido, Pepetela foi considerado como o inquiridor principal dos intelectuais supostamente dissidentes e seguidores de Alves, acompanhado pelo escritor Luandino Viera. Pepetela negou, e

³ Pepetela, *Mayombe*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2002 (ano de primeira edição: 1980).

⁴Pepetela, *As aventuras de Ngunga*, 1972.

nega ainda hoje em dia, a existência da dita Comissão e afirma que o próprio MPLA deveria aclarar a realidade dos factos.

A fusão entre elementos europeus e africanos, entre visões do mundo e histórias de vida distintas independentemente da pertinência as tribos e o empenho para a formação de uma nação nova (empenho a nível tanto literário quanto social) são elementos que rendem Pepetela um autor contemporâneo na acepção de Giorgio Agamben. Intempestivo por um lado, por estar à procura de uma harmonia num cenário de guerra, o escritor é simultânea e profundamente envolvido no tempo dele, nos conflitos ideológicos da época e no contexto complexo de Angola em formação, um país mergulhado nos problemas duma nação multiétnica e com um passado colonial marcado.

1.3 – O espaço da mata em *Mayombe*: silêncio e alegoria da pluralidade da nova Angola.

Ambientado na floresta situada em Cabinda, ponto nevrálgico da guerrilha e lugar do qual deriva o título, *Mayombe* apresenta os guerrilheiros lutando e discutindo sobre a realização do projecto revolucionário. Perdem-se em longas conversas sob o céu verde, a respeito do que deverá ser o país após a Independência: conversam entre si, com a natureza e dialogam consigo mesmo.

O projecto inteiro do romance em questão reflecte o olhar crítico frente à situação do país e testemunha uma atenção e dedicação ao ideal de justiça na concepção do próprio autor.

Mayombe, nas palavras do seu escritor, «começou com um comunicado de guerra⁵». Não nasceu como romance, mas como exercício introspectivo sobre a guerrilha na qual Pepetela esteve envolvido activamente. É, ao mesmo tempo, uma reflexão aguda sobre as questões de liberdade, de diferença étnica, de justiça e do conceito de nação relacionado com a identidade, com todas as complicações que o conceito implica num contexto de convergência de culturas afastadas umas das outras, assim como o da Angola dos anos setenta.

⁵Rita Silva Freire, *Não se festeja a morte de ninguém, entrevista a Pepetela*, publicada na Revista Caju, Angola, no dia 30 de Dezembro de 2011. Disponível em <http://www.buala.org/pt/cara-a-cara/nao-se-festeja-a-morte-de-ninguem-entrevista-a-pepetela>

Afastando-se das duas vertentes convencionais do repertório literário da cena cultural dos países africanos pós-coloniais, o romance distingue-se tanto da produção colonial quanto da linha típica da literatura de militância. Para além da luta como utopia, o código interno que se vai instituindo ao longo do texto - graças também à dimensão mítica e à polifonia - abre o discurso às dúvidas e hesitações que acompanham os guerrilheiros na sua transformação humana.

No *incipit* do romance em questão, Pepetela declara «contar a história de Ogun, Prometeu africano»: Francisco Salinas Portugal, na sua Tese de Doutoramento⁶, evidenciou que a obra toda do autor angolano oscila estética e ideologicamente entre a componente africana e a europeia. A ligação Ogun-Prometeu, com a qual se inicia e se termina o romance, seria um testemunho da interculturalidade do texto inteiro, o qual pretenderia reapropriar-se da mitologia grega, culturalmente reconhecida como universal.

Mayombe é um texto com textura mítica marcada, da qual o mito da guerra de libertação constituiria o núcleo central, desenvolvido no espaço quase sagrado de Mayombe. A presença do sagrado e a correspondência entre floresta e deus estariam em aberta e evidente contraposição com a narração das lutas e da guerrilha do MPLA, que constituiriam o pólo histórico - e conseqüentemente profano - da obra. Importância fundamental tem a este propósito a alusão à origem mítica da base guerrilheira, «parida pelo Mayombe»⁷ e onde se realizam as principais funções do próprio grupo.

A divisão do foco narrativo expressa com mestria as contradições presentes nos diferentes perfis humanos e o questionamento das motivações ideológicas à base da luta permite aprofundar a psicologia de guerra, mostrar perplexidades não permitidas aos heróis convencionais, o que eleva conseqüentemente as personagens à mais intricada condição de seres humanos. A magia da palavra que transita de narrador em narrador, segundo a polifonia típica do discurso oral, é o que permite a Pepetela instilar o germe da dúvida no leitor, treinando-o para uma atitude crítica perante a realidade.

⁶Francisco Salinas Portugal, *A máscara do sagrado, uma leitura mitocrítica de Mayombe*, Imprensa nacional, Casa da moeda, 2001.

⁷Pepetela, *Mayombe* (edição citada), p. 77.

Não é possível portanto, chegados a esta altura, não ter em devida consideração o facto de o autor se colocar, pelas razões bibliográficas acima citadas, dentro do debate existencial sobre a guerrilha, não somente no sentido mais óbvio do termo – o de implicação directa e activa na ideologia da luta-, mas também no de um homem em interrogação contínua sobre o valor e as consequências reais que a efectiva subversão do sistema colonial implicaria.

Um escritor que demonstra a habilidade e a atitude necessárias para perceber o escuro⁸ da época dele, detectar as trevas do tempo, de acordo com a segunda definição de contemporâneo fornecida por Agamben: Pepetela não se deixa cegar pelas luzes da ideologia, individua as sombras, os riscos que esta implica e chega a pôr em discussão os mesmos princípios que o puxam à luta. O tema da utopia de uma sociedade justa entra numa dialéctica com a realidade e os vícios humanos, dos quais nem os combatentes estão isentos.

As personagens e a sua evolução servem de paradigma e espelho da nação ainda em formação, onde por nação entenda-se um novo olhar sobre o outro e sobre os contrastes existentes entre tradição e modernidade, passado e futuro, bens de raiz e valores eternos. Nas palavras de Mia Couto: «Pepetela está a escrever não sobre Angola. Ele está escrevendo Angola, essa que há mas que ainda não existe, a sonhada e a geradora de sonhos.»⁹

Angola, tal como nos é apresentada, é um país em metamorfose, na tentativa de despir uma pele que já não lhe cabe, num processo idêntico ao do Comissário Político depois da morte do Comandante Sem Medo:

«Eu evoluo e construo uma nova pele. Há os que precisam de escrever para despir a pele que não lhe cabe já. Outros mudam de país. Outros de amante. Outros de nome ou de penteado. Eu perdi o amigo.»¹⁰

Torna-se evidente então o paradoxo de Mayombe ser definido pelo narrador como lugar do silêncio, já que é, de facto, lugar por excelência da palavra, reino do

⁸A referência é ao texto citado de Giorgio Agamben, página 28: “O que significa que o contemporâneo não é somente aquele que, percebendo o escuro do presente, capta a sua luz invendável; é também alguém que, dividindo e interpolando o tempo, está em condições de o transformar e de o pôr em relação com outros tempos”.

⁹Mia Couto, Epígrafe de: Pepetela, *Contos de Morte*, Luanda, Chá de Caxinde, 2008.

¹⁰Pepetela, *Mayombe* (edição citada), p. 285.

diálogo. O papel da palavra é exacerbado pela mesma condição precária e instável da guerrilha, pela ameaça constante de ataques tanto externos quanto internos.

1.4 – A palavra como arma de rotura e sutura, aceitação do “talvez”.

A concepção narrativa de Pepetela, representada alegoricamente pela floresta, constitui por si só um acto subversivo ao sistema colonial, cujo imperativo categórico era o impedimento das livres trocas culturais entre os diferentes grupos e o obstáculo da livre circulação de ideias. Abrir caminhos na floresta significaria portanto explorar uma atitude até à altura inédita nas relações sociais, renovar o olhar sobre a imagem do outro e, conseqüentemente, sobre a auto-representação do eu. A recuperação do espaço da natureza pelos guerrilheiros serve, aliás, de contraste simbólico e ideológico à cega violência colonialista, a qual se revelou incapaz de mediar com a terra numa pretensa invencibilidade.

As palavras são testemunho e expressão do princípio de esperança, do sonho duma mudança futura mas próxima que possa sintetizar os paradoxos duma terra rica e ao mesmo tempo escrava. Da mesma forma que a revelação do mundo interior perante o outro corresponde à libertação da escravatura do medo.

Não é exaustivo identificar a luta unicamente com a guerrilha: a formação da nova nação tem como pressuposto e condição *sine qua non* a elaboração do próprio passado e a criação duma consciência histórica crítica e responsável, sem que isso implique a negação das raízes. Neste sentido, a palavra é arma por excelência enquanto implica o confronto directo com o ser-no-mundo à maneira Heideggeriana¹¹ e à procura da força no interior do homem. É esclarecedor, a este propósito, o monólogo narrativo de Muatiânvua:

«Querem hoje que eu seja tribalista!

De que tribo?, pergunto eu. De que tribo, se eu sou de todas as tribos, não só de Angola, como de África? Não falo swahili, não aprendi eu o haussa com um nigeriano? Qual é a minha língua, eu, que não dizia uma frase sem empregar palavras de línguas diferentes? E agora que utilizo para falar com os camaradas, para deles ser

¹¹Para uma mais ampla compreensão do conceito de “ser no mundo”: Martin Heidegger, *Ser e Tempo*, Petrópolis, Vozes, 1993. Originalmente publicado em 1927).

compreendido? O português. A que tribo angolana pertence a língua portuguesa?

Eu sou o que é posto de lado, porque não seguiu o sangue da mãe kimbundo ou o sangue do pai umbundo. Também Sem Medo, também Teoria, também o Comissário, e tantos outros mais.

A imensidão do mar que nada pode modificar ensinou-me a paciência. O mar une, o mar estreita, o mar liga. Nós também temos o nosso mar interior, que não é Kuanza, nem o Loje, nem o Kunene. O nosso mar, feito de gotas-diamante, suores e lágrimas esmagados, o nosso mar é o brilho da arma bem oleada que faísca no meio da verdura do Mayombe, lançando fulgurações de diamante ao sol da Luanda.

Eu, Muatiânvua, de nome de rei, eu que escolhi a minha rota no meio dos caminhos do Mundo, eu ladrão, marinheiro, contrabandista, guerrilheiro, sempre à margem de tudo (mas não é a praia uma margem?), eu não preciso de me apoiar numa tribo para sentir a minha força. A minha força vem da terra que chupou a força de outros homens, a minha força vem do esforço de puxar cabos e dar à manivela e de dar murros na mesa duma taberna situada algures no Mundo, à margem da rota dos grandes transatlânticos que passam, indiferentes, sem nada compreenderem do que é o brilho-diamante da areia numa praia.»¹²

Este solilóquio é um protesto e contra as iniquidades do sistema colonialista e, sincronicamente, um canto de desesperação e aflição, que revela profundas afinidades temáticas, estilísticas e de tom com as súplicas da literatura tradicional angolana, como a quimbunda da que apresento a tradução em português:

‘Em igreja, rogando justiça;

“Ai, Senhor, olha-me com piedade! Estou vagueando como vagueia o húmbi, não faço senão oscilar como oscila a bemba¹³! Eu sou Tua escrava, eu sou Tua argila, eu sou Teu barro!

Senhor, repara no meu coração! Repara-me já no povoado e na tribo, não o sei! Tu, Senhor, é quem sabe! O salalé une-se à árvore, o filho de gente une-se a um igual!”¹⁴

¹²Pepetela, *Mayombe* (edição citada), pp. 140-141.

¹³Bemba (mbemba): Ave angolana, açor.

¹⁴Oscar Ribas, *Literatura tradicional angolana. III volume*, Luanda, Tipografia Angolana, 1964, p.280.

À vertente popular encosta-se a voz duma personagem como Sem Medo o qual, envolvendo o papel da parte intelectual do movimento do MPLA – o que implica a profundidade e reflexividade da personagem – personifica a palavra convertida em luta, a passagem da conceptualização à acção:

«Como não era tipo para ficar só na invenção de estórias, tinha dois únicos caminhos na vida: ou escrevê-las ou vivê-las. A Revolução deu-me oportunidade de as criar na acção. Se não houvesse revolução, com certeza acabaria como escritor, que é outra maneira de se ser solitário. Como vês, não é esse segredo, que pensas terrível, a causa da minha solidão, é uma questão de temperamento.»¹⁵

Em *Pepetela*, a passagem à acção termina por coincidir totalmente com a luta pela transformação da sociedade e das consciências, seja esta luta armada ou levada a cabo através da escrita: palavras como armas.

Mayombe não quer ser unicamente um testemunho, um memorial de acontecimentos fundamentais da história de Angola. O seu objectivo é o de funcionar como força propulsora, bala na cabeça de qualquer concepção fechada e totalitária que não tenha em devida consideração as diferenças de perspectivas ideológicas, de configurações identitárias, culturais e linguísticas. É uma escrita que combate activamente pela mudança, profunda e radical, dos seres humanos, um contradiscurso que representa e celebra a diversidade das diferentes etnias para combater a visão uniformizante dos sujeitos africanos.

Apresentando os jovens das guerrilhas de libertação com seus medos, numa cena que, não obstante as evidentes referências históricas, parece às vezes atemporal, *Pepetela* lança umas bombas contra um sistema que na sua opinião tem que acabar: o colonialismo. As interrogações dos jovens, os seus pensamentos, são os de homens em formação, cada um com sua história pessoal e suas características, todos à procura do sentido real do que está a acontecer.

Numa entrevista publicada na Revista *Caju*, o autor afirmou ter dito aos seus companheiros da guerrilha: “Estou a escrever para perceber o que estou a fazer, estou

¹⁵*Pepetela*, *Mayombe* (edição citada) , p. 135.

em busca da realidade.”¹⁶

A luta da escrita consistiria então na destruição do velho, do antigo, para colocar as bases de uma nova nação numa fusão entre prazer estético e interesse pedagógico e ideológico.

Há, para além disso, quem tenha evidenciado que no contexto angolano, a literatura nunca poderá ser só uma questão de estética, já que envolve e pertence também ao nível político: a comparatista Inocência Mata sublinhou que a sociedade angolana continua a construir-se com o subsídio da literatura. A própria literatura desempenharia portanto um papel que vai além da sua significação estética e simbólica, tendo uma acepção extratextual¹⁷.

Na óptica de uma análise da utilização da palavra escrita como forma de luta (e portanto como criação de um ponto de rotura, duma fractura) cabe evidenciar a potencialidade revolucionária intrínseca que a re-ontologização da língua portuguesa levada a cabo na literatura angolana implica. O português é utilizado para representar um universo que muito se afasta do europeu, numa ulterior tentativa de síntese do aparentemente inconciliável: escolha fundamental, já que a língua é, como afirma Barthes, elemento do quotidiano e meio espontâneo através do qual o individuo se relaciona e interfere na sociedade¹⁸.

Por meio da apropriação da língua do colonizador, os angolanos escreveram a sua história e buscaram, através da literatura, um espaço de reflexão e contestação às leis, à cultura eurocêntrica homogeneizadora e às injustiças impostas ao povo (como as guerras tribais instigadas pelos colonizadores). A literatura angolana teve conseqüentemente a função, a partir da década de 50, de suporte ao movimento de libertação nacional.

É preciso evidenciar que o facto de o romance de Pepetela ter uma forte carga ideológica não implica, um olhar iludido face à realidade. A luta consiste exactamente no esforço de construção de um mundo mais justo apesar dos inevitáveis conflitos de

¹⁶Rita Silva Freire, *entrevista citada*.

¹⁷Ver Inocência Mata, *Ficção e história na literatura angolana – O caso do Pepetela*, Luanda, Mayamba Editora, 2010, p.53.

¹⁸Ver Roland Barthes, *O grau zero da escrita*, Lisboa, Edições 70, 1981, pp.13-14; a língua não é lugar de compromisso social, apenas um reflexo sem escolha, a propriedade indivisa dos homens e não dos escritores; ela permanece exterior ao ritual das letras, é um objecto social por definição, não por eleição".

poder, típicos não só do sistema colonialista.

A necessidade do esforço de aceitação de diferenças não conciliáveis torna-se evidente em algumas frases da personagem Teoria:

«Trago em mim o inconciliável e é este o meu motor. Num universo de sim ou não, branco ou negro, eu represento o talvez. Talvez é não para quem quer ouvir sim e significa sim para quem espera ouvir não. A culpa será minha se os homens exigem a pureza e recusam as combinações? Sou eu que devo tornar-me em sim ou em não? Ou são os homens que devem aceitar o talvez? Face a este problema capital, as pessoas dividem-se aos meus olhos em dois grupos: os maniqueístas e os outros. É bom esclarecer que raros são os outros; o mundo é geralmente maniqueísta.»¹⁹

A literatura vai coincidir com um esforço utópico que quer tornar real a aceitação de qualquer “talvez” do ser humano, que se configura necessariamente como luta através da palavra e tem como adversário último, neste caso específico, os próprios homens que investem na construção da nação, mas estão ao mesmo tempo à procura de obtenção de vantagens pessoais na sociedade ainda em formação.

É exactamente neste aspecto que a obra de Pepetela pode ser considerada propriamente contemporânea na acepção de intempestiva: a escolha conformista à situação política e histórica do país do autor na altura da independência teria sido a adesão incondicionada às posições dominantes do MPLA, sem reflexões ulteriores sobre a validade efectiva do projecto de vida da nação e as suas possibilidades de realização no quadro económico e social em que se encontrava Angola naquela altura.

Esclarecedora da particular atitude do angolano é a seguinte passagem do romance *A geração da Utopia*:

“Começa a ser tempo de se fazer a História disto tudo – disse Orlando. – Como uma geração faz uma luta gloriosa pela independência e a destrói ela própria. Mas parece que a gente da sua geração não é capaz de a fazer. E a minha geração, a dos que agora têm trinta anos, não sei. Fomos castrados à nascença. Eu tinha treze anos quando Luanda se mobilizou em massa para receber os heróis da libertação. Vivíamos para aquilo. (...) E depois quiseram enquadrar-nos. Disseram, devem marchar como os soldados, vocês são frutos dos soldados. (...) Liquidaram a imaginação, em nome duma

¹⁹Pepetela, *Mayombe* (edição citada), p.14.

moral militarista, de disciplina de caserna ou de convento, não sei, já não se podia criticar, dizer o que se pensava, tinha de se pensar antes de se dizer. Houve lutas internas, golpes de palácio que ninguém entendia, afastamentos de tipos que para nós eram heróis, outros iam parar à cadeia. E a minha geração, jovem e entusiasmada, foi perdendo o entusiasmo”²⁰

1.5- Luzes e trevas.

*As armas dos corvos são impotentes contra a vontade de um morcego à busca da luz.*²¹

Mesmo confiando na possibilidade duma libertação do país do sofrimento causado pelos conflitos que afligiram e laceraram o povo, as sombras da potencial distopia de um regime totalitário que trai as expectativas iniciais representam e constituem em *Mayombe* as trevas contra as quais se torna necessário lutar.

Os homens, nas diferenças que encarnam devido aos distintos contextos de origem, personificam eles próprios, “o lugar de um encontro e de um confronto entre os tempos e as gerações”²² pelo facto de se encontrar vivos naquele exacto momento e período histórico, de tomar parte na história da constituição da futura nação.

De acordo com a visão de Agamben, Pepetela tenta modificar o tempo dele e escreve o romance movido por uma motivação que não é, pelo menos na fase inicial, ligada a razões puramente literárias, mas que é pelo contrário sentida como uma exigência, um acto imprescindível ao fim de encontrar uma colocação do indivíduo no horizonte mas dilatado de uma sociedade que ainda constitui uma incógnita na sua existência real e futura. Deste ponto de partida deriva o valor atribuído à tomada de posição de cada homem e a criação de nexos entre o passado (a história de vida de casa personagem), e a interrogação sobre o tempo presente.

O esforço utópico é, por outro lado, uma tentativa de fixar valores percebidos como imutáveis, eternos, tendência que apresenta afinidades também com a concepção

²⁰ PEPETELA, *A Geração da Utopia*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1993, p.304.

²¹ PEPETELA, *Muana Puó*, Lisboa, Dom Quixote, 1995, p.38.

²² Giorgio Agamben, *obra citada*, p.28

calviniana de clássico como o que “tiver tendência para relegar a actualidade para a categoria de ruído de fundo”²³ sem podê-lo, com isso, eliminar.

A síntese das diferenças, além de ser presentes nas acções e nas palavras das personagens, é dado de facto na obra do escritor angolano, que testemunha o encontro e o desencontro entre África e Europa: entre outros, *A geração da utopia*, em que nós são apresentadas três décadas de personagens que tinham um projecto para Angola, parte da realidade da ditadura Salazarista na cidade de Lisboa, a partir da qual jovens estudantes angolanos fogem para unir-se à luta armada.

Outras obras de Pepetela, como o primeiro romance *Muana Puó*, apresentam elementos mais marcadamente pertinentes à cultura angolana e que implicam consequentemente maiores dificuldades de compreensão profunda para um leitor europeu que não tenha conhecimentos consistentes da cultura de partida. O título da obra citada refere-se a uma máscara tchokuê, que simboliza a passagem à vida adulta, e sintetiza a alegoria da luta entre opressores e oprimidos, representados por corvos e morcegos, paralelamente a história de amor entre Ela e Ela, dois morcegos que se colocam física e simbolicamente nos dois lados da máscara.

Passo a citar Hilbert Salgueiro:

“Na África, na Angola de Pepetela, o quadro de opressão vem de longe. Algo da herança nefasta do colonialismo se perpetua. O que *Muana Puó* encena é justamente a dificuldade e a complexidade de lidar, simultaneamente, com a passagem de um lugar a outro, de um tempo a outro, de lidar com os imperativos da colectividade e as idiosincrasias do sujeito, com as concretudes do fato histórico e as abstrações metafóricas da parábola, de lidar com a revolução e a paixão, o comunitário e o privado, de lidar com a teoria e a prática, a utopia e o desastre, o amor e a guerra – de elaborar o passado.”²⁴

Através da singular deconstrução discursiva do conceito mesmo de nação e à elaboração da sua específica concepção de cidadania, Pepetela tenta operar uma

²³Texto de Italo Calvino, *Porquê ler os clássicos?*, Lisboa, Ed. Teorema, 1994, p. 12.

²⁴Wilberth Salgueiro, «Alegoria e testemunho em "Muana Puó" (1969), romance de Pepetela» em *Abril - Revista do núcleo de estudos de literatura portuguesa e africana da UFF*, Vol. 5, n.º 11, Novembro de 2013.

reconfiguração da ideia de soberanidade, que não é mais concebida como atributo exclusivo dos governantes, mas como recurso dos indivíduos os quais, partindo da ligação com a Terra e a Natureza, tentam realizar uma mediação entre os opostos sem trair as próprias raízes.

O paradoxo do silêncio como produtor de sentido, gerador de resistência contra a mudez e a não reacção frente a uma aceitação passiva (porque historicamente afirmada) das injustiças e das derivas dum sistema alienante que não deixa espaço nenhum aos indivíduos, valoriza por contraste o acto da palavra, da verbalização fruto da elaboração silenciosa. Oprimidos pelo sistema colonial de um lado e pela política de guerrilha do outro, as personagens utilizam acontecimentos da história colectiva para chegar à considerações sobre a própria identidade e, aspecto ainda mais fundamental na óptica da nossa análise, sobre as maneiras em que a individualidade deles (fruto de cruzamentos étnicos, culturais, sociais, geográficos e linguísticos) pode ser posta em relação com a sociedade nascente.

Se a literatura pode ser utilizada em qualidade de ferramenta de renovação da sociedade, de subversão de um sistema (a nível conceptual e de consciência antes que político), o confronto com a actual situação mundial parece-me quase inevitável. A escrita e a atitude renovadora de Pepetela são definíveis como contemporâneas em virtude da sempre maior necessidade, nos tempos da Pós-Modernidade, de reacções intempestivas frente a era do posthumano, da velocidade e da automatização, que deixam ao seres humanos um espaço de acção sempre menor e mais ilusório dominado pela pressão da corrente histórico-social.

1.6 – Mundos em confronto e anti-epopeia das glórias portuguesas.

Tópicos e assuntos angolanos cruzam-se e dialogam, na obra de Pepetela, com temas típicos da cultura estreitamente portuguesa. No conto *Estranhos pássaros de asas abertas*²⁵, apresentado em qualidade de provocatória introdução ao Canto V de *Os Lusíadas*, o angolano rescreve o episódio da chegada dos marinheiros portugueses às costas africanas, introduzindo os deuses africanos ao lado de deuses da cultura

²⁵Pepetela, «Estranhos pássaros de asas abertas», em *Contos de morte*, Lisboa, Edições Nelson de Matos, 2008. Originariamente publicado em 2003 numa edição comemorativa da obra camoniana do semanário Expresso de Lisboa.

ocidental. Kianda²⁶ e Neptuno, Nzambi²⁷ e Júpiter são apresentados por contraste, em testemunho da intrusão do colonizador num mundo que não lhe pertence e que não segue as regras dele, mas que é baseado na ligação à força anímica da Mãe Terra.

Exactamente como aconteceu, em tempos recentes, com a *Viagem à Índia* de Gonçalo M. Tavares, Pepetela constrói a sua “anti-epopeia” (definição obviamente não minha, mas de Eduardo Lourenço²⁸), a partir da obra-prima de Camões e chegando a pôr de pernas para o ar a descrição do Gigante Adamastor do Canto V, 37:

“A boca negra, os dentes amarelos.
Tão grande era de membros que bem posso
Certificar-te que este era o segundo
De Rodes estranhíssimo Colosso,
Que um dos sete milagres foi do mundo.
Um tom de voz nos fala, horrendo e grosso,
Que pareceu sair do mar profundo.
Arrepiam-se as carnes e o cabelo,
A mi e a todos, só de ouvi-lo e vê-lo!”²⁹

O papel assustador de Adamastor é em Pepetela assumido pelos navegantes portugueses:

“Três seres estranhos se apoderaram dele, lhe agarraram pelos braços e lhe

²⁶ Brandão Mattos transcreve a este propósito, em «Estranhos deuses em concílio: Uma leitura do conto *Estranhos pássaros de asas abertas*, de Pepetela», uma definição de Carmen Tindó : “Kianda, embora deusa do mar, também está na terra. O imbondeiro é sua árvore predileta[...]. Seu poder é ilimitado; só obedece ao deus criador. Ela rege as marés, as vagas, os peixes, a pesca. Gosta de ser lembrada, retribuída, homenageada. Se a esquecem, se enfurece e retém os peixes, tornando o mar bravio e ameaçador. É, segundo a tradição angolana, responsável pela escassez ou fartura dos alimentos vindos do mar. Quando enraivecida, lança seu grito, enviando doenças, fome e mortes.”

²⁷ Afirma no mesmo artigo Brandão Mattos: “Nzambi é o criador do mundo, um deus supremo originário da vida mundana e, também, dos espíritos que atuam entre os homens. Diferentemente do Deus das religiões monoteístas árabe-ocidentais, entretanto, Nzambi – após a criação do mundo e das forças que o poderiam reger – descansou sem prazo para retornar, delegando aos espíritos a atuação entre os homens, sendo convocado apenas em última instância, para tratar de assuntos que envolvessem grandes fenômenos naturais.”

²⁸ Eduardo Lourenço, «Prefácio – Uma viagem no coração do caos», em Gonçalo M. Tavares, *Viagem à Índia*, Lisboa, Caminho, 2010.

²⁹ Luís Vaz de Camões, *Os Lusíadas*, Canto V, 37.

arrastaram para a praia. Um grande medo entrou no peito de Samutu, com o cheiro pestilento deles e o seu aspecto desganhado de bandidos. Tremia todo e falava, me deixem, me deixem, só podiam ser espíritos injustiçados vindo se vingar. Ele não tinha feito mal nenhum, homem pacífico, como vinham agora lhe punir? Mas os seres estranhos falavam entre si com gritos e puxavam por ele, os gritos eram numa língua desconhecida.”³⁰

Coerente resulta a comparação com o Canto V, 39 da obra de Tavares, com o qual a passagem de Pepetela partilha a visão distópica:

“Acorda, entretanto, sobressaltado, o velho de boca negra,
dentes amarelos, que dormia no avião
ao lado de Bloom. Bloom pensa em animais pendurados
pelo pescoço, numa corda que sai pela janela de
uma família distraída. Pensa em crianças que brincam na rua
e na televisão que anuncia uma tempestade
que mudará o essencial.

O mundo é violento, mas só a cara do velho assusta Bloom.”³¹

Do mar à praia, da água ao ar: os dois escritores do nosso século dialogam ambos com a literatura, a cultura e a visão do mundo ocidental e no específico portuguesa, os dois enfocando a atenção do leitor nas derivas da sociedade por causa de condutas diversas, mas contíguas por causa da falta de dedicação ao humano.

1.7 - Considerações finais.

Os “Bloom” que, como acontece no livro de Tavares, são constringidos a reconhecer a vaidade das acções humanas em procura da pureza de valores alternativos aos dominantes, são os homens dos nossos tempos e de todo o planeta, em que (é inegável) os indivíduos, cada um em sua maneira e a partir da própria configuração de pensamento, lidam com as trevas duma humanidade perdida.

O aspecto da perda de orientação no mundo é intimamente correlato com a

³⁰Pepetela, *idem*, p.69.

³¹Gonçalo M. Tavares, *Viagem à Índia*, Lisboa, Caminho, 2010 (Canto V, 39, p.221)

concepção de intempestivo e com a minha escolha deste tipo de visão aos fins duma possível elaboração conceptual da contemporaneidade em Pepetela.

Numa humanidade em delírio, cenário de choques contínuos e intensos entre ideologias, etnias e interesses económicos, é inevitável pensar numa luta contra a deriva do humano em qualidade de posta em discussão e revolução do nosso modo de viver, a partir do interno dum mecanismo mundial que parece estar já fora do nosso controlo e que, portanto, não pode ser mudado senão a partir duma mudança nas consciências.

O que é contemporâneo em Pepetela, para parafrasear Agamben, é a exigência de um regresso ao humano que é ao mesmo tempo urgência de síntese das diferenças, objectivo de alcance ainda mais problemático hoje do que na altura da publicação dos primeiros romances do autor, época em que as ideologias (e entendo com este termo indicar as ideologias de qualquer formação) pareciam ter em si mesmas a força necessária para a realização de mudanças radicais e efectivas.

O angolano escolhe a literatura e a escrita, sublimações da palavra, para o fim de uma mudança real e permanente na sociedade. Afirmou o autor numa entrevista:

“Creio que a literatura nacional é elemento indispensável, tão importante como outro qualquer, para a consolidação da independência. É um factor que ajuda a aumentar a unidade nacional, por ser veículo de situações, modos de vida e de pensar, dentro do País, (...) Pode ser exagero – é caso para se discutir – mas afirmo que não há, não pode haver, a criação dum país verdadeiramente independente sem uma literatura nacional própria, que mostre ao povo aquilo que o povo sempre soube: isto é, que tem uma identidade própria”³²

Em conclusão, se bem que a conformação particular da obra de Pepetela resulte mergulhada no seu tempo, consequência inevitável do contexto histórico-político de Angola na altura da Independência, e que os valores de integração fossem próprios do mesmo MPLA³³, o conceito de literatura nacional ao serviço da criação duma nova

³²Entrevista publicada em: Salgado e Sepúlveda, *África e Brasil: letras e laços*, Rio de Janeiro, Atlântica, 2000, p.303.

³³No mesmo Estatuto do MPLA da época, o movimento era definido uma organização “que congrega nas suas fileiras cidadãos angolanos sem distinção de grupo social, sexo, cor da pele, origem étnica, crença religiosa ou lugar de nascimento”

identidade, a presença de elementos africanos e europeus numa *mosaicização* até aquele momento inédita e a discussão sobre aspetos da ideologia pela que e para a qual o mesmo autor lutou, fazem do angolano um autor intempestivo e, portanto, contemporâneo.

Referências bibliográficas

- AGAMBEN, Giorgio, «O Que É O Contemporâneo», em *Nudez*, Lisboa, Relógio D'Água, 2010.
- ALVES DOS SANTOS, Leandra, «*Mayombe*: a luta pelo (re)nascimento», em *Sob o signo da palavra*, vol.52, 2009.
- BARTHES, Roland, *Como viver junto*, São Paulo, Martins Fontes, 2003.
- BARTHES, Roland, *O grau zero da escrita*, Lisboa, Edições 70, 1981.
- BIRMINGHAM, David, *Portugal e África*, Documenta Histórica, Nova Vega, 2010.
- CAMÕES, Luís Vaz de Os *Lusíadas*. Disponível em <http://web.rccn.net/camoes/camoes/index.html>.
- CHAVES, Rita, «Pepetela: romance e utopia na história de Angola», em *Via Atlântica*, n°13, São Paulo, 2008.
- CHAVES, Rita, MACEDO, Tania, *Portanto...Pepetela*, Caxinde, 2002.
- CONTE, Daniel, *Calados por Deus ou de como Angola foi arrasada pela História: os tons de silêncio no processo de construção da identidade Angolana e a sua representação na ficção de Pepetela*, Dissertação final de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, 2008.
- FAZZINI, Luca, «Representar a violência: ostranenie e identidade em Pepetela», em *Literatura em debate*, v.7, n°13, *Representações históricas pós-coloniais de Angola e Moçambique na literatura africana de expressão portuguesa*, São Paulo, 2013.
- FREIRE, Rita Silva, *Não se festeja a morte de ninguém, entrevista a Pepetela*, publicada na Revista Caju, Angola, no dia 30 de Dezembro de 2011. Disponível em <<http://www.buala.org/pt/cara-a-cara/nao-se-festeja-a-morte-de-ninguem-entrevista-a-pepetela>>
- HAMILTON, Russell G., *Literatura africana, Literatura necessária- I - Angola*, Lisboa, Edições 70, 1981.
- HENRIQUES LIMA, Priscila, «Análise da obra literária *Mayombe* no contexto da guerra de libertação angolana», em *Revista Litteris*, n. 8, setembro 2011.
- MATA, Inocência, *Ficção e história na literatura angolana – O caso do Pepetela*, Luanda, Mayamba Editora, 2010.
- MATTOS, Marcelo Brandão, «Estranhos deuses em concílio: Uma leitura do conto *Estranhos pássaros de asas abertas*, de Pepetela», em *Abril, Revista do Núcleo de*

- Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF*, Vol.4, nº7, novembro de 2011.
- MARCON, Frank, *Diálogos transatlânticos: identidade e nação entre Brasil e Angola*, Letras Contemporâneas, 2005.
- NEVES, Fernando, *Negritude e revolução em Angola*, Edições «ETC», Paris, 1974.
- PEPETELA, *A Geração da Utopia*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1993.
- PEPETELA, «Estranhos pássaros de asas abertas», em *Contos de morte*, Lisboa, Edições Nelson de Matos, 2008.
- PEPETELA, *Mayombe*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2002.
- PEPETELA, *Muana Puó*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1978.
- RIBAS, Óscar, *Literatura tradicional angolana. III volume*, Luanda, Tipografia Angolana, 1964.
- SALGADO, Maria Teresa e SEPÚLVEDA, Maria do Carmo, *África e Brasil: letras e laços*, Rio de Janeiro, Atlântica, 2000.
- SALGUEIRO, Wilbert, «Alegoria e testemunho em "Muana Puó" (1969), romance de Pepetela» em *Abril - Revista do núcleo de estudos de literatura portuguesa e africana da UFF*, Vol. 5, nº 11, Novembro de 2013.
- SALINAS PORTUGAL, Francisco, *A máscara do sagrado, uma leitura mitocrítica de Mayombe*, Imprensa nacional, Casa da moeda, 2001.
- SANTOS DIAS, Alexandra, *Nação, guerra e utopia em Pepetela (1971-1996)*, Tese de doutoramento, 2011.
- SERRANO, CARLOS M.H., *Os senhores da terra e os homens do mar: antropologia política de um reino africano*, São Paulo, FFLCH-USP, 1983.
- SIMÕES DA ROCHA, Iraci, «Utopia e Práxis: esperança e ação em Saramago e Pepetela», em *Recôncavos*.
- TAVARES, M. Gonçalo, *Viagem à Índia*, Lisboa, Caminho, 2010

